

Manual de sobrevivência

A sabedoria adquirida por quem vive de frente para o perigo leva moradores de casebres nas encostas a antever a tragédia e assistir ao desabamento saindo ilesos da cena

LEVI VASCONCELOS

As pessoas que moram nos mil pontos de risco catalogados pelo Plano Diretor de Encostas de Salvador sabem que vivem em perigo. Às vezes são traídas por tempestades inusitadas e sucumbem soterradas, mas muitas já aprenderam a conviver com a situação e salvam vidas, as próprias e as de muita gente que lhes rodeiam.

D. Ailza Neves Silva, casada com o vigilante Raimundo Souza da Conceição, é uma delas. O marido, os dois filhos e o neto estão vivos graças à precaução que tomou. No alvorecer de ontem, quando viu a chuva pesada desabando sobre a cidade, não pensou duas vezes: botou a família toda na rua. Acertou em cheio.

Pouco depois das 7 da manhã a casa em que ela morava, na Travessa Kátia, Rua das Águas Marinhas, no Vale das Pedrinhas, foi literalmente esmagada pela de cima. "Não ouvi estalo e nem nada, foi prevenção mesmo. Ontem (anteontem) nós já sabíamos que uma casa tinha desabado lá em cima (na Rua Ipirá) e que a nossa estava em situação de risco. Então eu decidi que se chovesse nós saíamos".

Conta D. Ailza, que perdeu rigorosamente tudo. "Até o dinheirinho que tínhamos, coisa de R\$ 20 ou

R\$ 30, ficou lá embaixo". Hospedada por uma amiga e vizinha, Maria Helena de Jesus, cuja a casa também está condenada pela Codesal, ela afirma que não tem a menor idéia de onde vai morar junto com a família daqui por diante. Mas se sente feliz: "De doer, dói. Mas o importante é estarmos vivos".

BENDITO - Com Nivaldo José do Nascimento, funcionário do SAC, foi um pouco diferente, mas o resultado idêntico. Ele ouviu um estalo, quando decidiu retirar a família. A lateral da casa acompanhava parte do leito da Rua Nordestina, também no Vale das Pedrinhas. Se desabasse, poderia atingir pessoas que iam passando.

A partir das 7 horas da manhã ele decidiu ficar na porta avisando as pessoas. "Não passe ou passe muito ligeiro porque a casa pode desabar". Às 8 horas resolveu sair para comprar lonas de plástico e chamou o irmão, José Carlos, para continuar dando os avisos. Exatamente às 8h29 a previsão se consumou, a casa desabou. A previsão do horário é atestada pelo relógio de parede, que parou entre os escombros.

Parte da parede bateu no muro de um vizinho e fez um pequeno rombo. "Meu irmão foi o único ferido, mas não pelo desabamento em si. Ele achou de meter a mão



Irene Santana não deu ouvido ao sinal de alerta; a casa estalou e ela não saiu do imóvel onde Milena foi a vítima

no buraco do muro e levou uma mordida do cachorro". Entre os utensílios e pertences domésticos soterrados, um mini cartaz pairou sobre os escombros com os dizeres *Bendito ao entrarem e saírem*.

Nem todos, é verdade, são tão precavidos. Contam com a sorte e às vezes ganham. É o caso de D. Irene Santos, vizinha de Ailza na Travessa Kátia. No dia anterior, ouviu um estalo na casa, mas nem

por isso saiu. Ontem de manhã a casa desabou com ela, o marido e três filhos dentro. Uma das crianças, Milena, de 6 anos, saiu ferida. "Não foi pior porque ninguém dormiu. Aliás, desde ontem que ninguém dorme aqui, com medo. Mas nós não tínhamos para onde ir mesmo...", conta.

João Ferreira, marido de D. Oelidina, estava na casa em que Douglas (7 anos) e Pascoal Pastor mor-

reram soterrados anteontem, no Engenho Velho da Federação. Diz ele que nem de longe imaginou que correria sério risco de morte na noite de segunda para terça. "É tudo muito rápido. Ouvi o estrondo e só. Percebemos que Douglas e Pascoal estavam soterrados, mas nada podia fazer", recorda ele.

Ontem, no enterro das vítimas, ocorrido às 9 horas no Cemitério da Quinta dos Lázaros, em clima de

muita comoção, João chorava a perda dos entes queridos e a situação da família, lamentando: "Perdemos tudo. Até os meus documentos estão soterrados e não posso ir lá tentar pegar porque a área está interditada. Como é que vou me explicar lá no trabalho?", interroga ele, que é ascensionista do Edifício Martins Catharino, na Rua Chile.

Colaborou Sylvia Verônica

"Estamos nas mãos de Deus"

No quesito encosta, Imbassahy trabalhou bem

João Ferreira, sobrevivente à tragédia do Engenho Velho da Federação, acha que estar vivo ou morto é muito mais uma questão de sorte do que de precaução, não apenas para quem mora em pontos de risco. "Veja você o Pascoal (morto na terça), coitado, que vida sofrida. Tinha problemas de epilepsia e era doente mental. Ainda acabou tendo um fim assim. Douglinha estudava na Creche Mãe Benta. Segunda não foi porque a água da chuva alagou tudo por lá. No outro dia estava morto".

No caso específico dele, acha que tem dado sorte. "Coisa de uns 30 anos atrás, um saveiro em que eu estava junto com o Sargento Portela virou em frente a Pituba

no meio de um temporal. Foi a primeira vez que escapei. Agora é a segunda. Por isso quando tem que acontecer, acontece. Minha vez ainda não chegou".

Os desabrigados do Engenho Velho receberam alimentos doados pela Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura. Estão morando "de favor", como eles dizem, em casas de vizinhos e parentes. Os do Vale das Pedrinhas ainda ocupadas. Entre as ruas Ipirá e Águas Marinhas, há várias casas condenadas, a maior parte ainda ocupadas. "Esperamos que as pessoas da Codesal voltem e nos digam alguma coisa. Por enquanto estamos nas mãos de Deus", completa D. Irene.

Com trabalho e sorte, o ex-prefeito Antonio Imbassahy ganhou um lugar na história de Salvador, pelo menos no que diz respeito a encostas. Nos últimos cinco anos dos oito que governou não houve uma só morte causada pelo problema, apesar de no período a cidade ter sido atingida por fortes temporais que causaram alagamentos monumentais.

Embora os deslizamentos de terra ocorram desde os primórdios da civilização europeia na capital baiana, ironicamente nunca houve uma política especialmente direcionada para o setor. A administração de Fernando José, de 1989 a 1992, realizou uma série de con-

dições na área do Bom Juá, proximidades do Retiro, mas ainda no governo de Lídice da Mata a cidade assistiu a grandes tragédias, como no Arraial do Retiro, onde morreram 33 pessoas e no Parque Sílvia Leal, em Cajazeiras, com 16 mortos.

A Codesal divulgava, em 1997, que Salvador possuía 160 áreas de risco. Era o que se pensava, erradamente. A criação, em janeiro de 2000, da Coordenadoria de Áreas Risco Geológico, através da Secretaria de Saneamento e Infra-Estrutura da Prefeitura, que produziu o Plano Diretor de Encostas, possibilitou um estudo mais rigoroso que constatou nada me-

nos que 433 áreas de risco, com mais de mil pontos (uma área pode ter vários pontos).

Entre obras grandes e pequenas, a gestão de Imbassahy realizou mais de 350 intervenções, o recorde histórico, mas o próprio estudo revelou que ainda há muito por fazer, se é que é possível eliminar 100% dos riscos geológicos numa cidade tão acidentada como é Salvador. Mesmo assim, o trabalho realizado permitiu que o ex-prefeito ostentasse, com orgulho, o ganho das tragédias que não aconteceram. Apesar do trabalho, também contou com a sorte, claro.

O trabalho realizado foi insuficiente também para evitar que a

população tenha perdido o medo. Agora, por exemplo, o prefeito João Henrique começou a atacar o problema em 80 pontos distintos selecionados entre os que os técnicos julgam prioritários.

"Temos vários pontos de risco aqui e ficamos completamente fora das incursões iniciais da prefeitura", queixou-se Edmilson Sales, um dos diretores da Associação dos Moradores do Engenho Velho da Federação, onde houve a tragédia de anteontem, suscitando a velha questão do desafio que o poder público tem a enfrentar: quem mora em tais áreas sempre acha que a prioridade é a do lugar em que ele está, o que é natural. (L.V.)

TRAGÉDIA NAS ENCOSTAS

■ O primeiro desabamento com mortos em Salvador aconteceu em 1671. Parte da encosta da Conceição da Praia caiu sobre as ladeiras da Montanha e da Misericórdia, provocando a morte de 30 pessoas, quantidade assustadora para uma cidade fundada há apenas 100 anos.

■ Outros deslizamentos aconteceram no século 18, provocados pela chuva intensa em 1714, 1716 e 1721, anos em que houve deslizamentos nas ladeiras da Preguiça e Conceição.

■ A muralha que protegia Salvador de piratas e invasores ruí muitos anos antes, no século 16, também por causa de chuvas fortes.

■ Em 1551, o rei D. João III recebeu, em Portugal, o relato de que um pedaço de taparia da muralha tinha cedido e despençado pela montanha. Desde então, deslizamentos de terra nas encostas de Salvador continuaram ocorrendo, com frequência cada vez maior.



1732 - Castelo de São Bento desaba e deixa sete mortos.

1748 - Deslizamento na Ladeira da Montanha e encosta do Pilar.

1754 - Água do chuva rompe alças e grutas murais do adro da Catedral da Sé.

1797 - Deslizamento de terra no Altilho, desmoronamento na igreja de São Pedro das Cléguas e 35 casas

destruídas na Rua da Misericórdia.

1811 - Chuvas intensas provocaram deslizamentos que deixaram saldo de 34 mortos, queda do muro de uma casa da Cruz do Pastoral sobre o trapiche Barnabé, deslizamentos na Misericórdia, Conceição e Gamboa. Nessa época, o número de acidentes fez a administração municipal discutir a possibilidade de transferir a cidade

para a península de Itapagipe. A ideia não saiu do papel.

1935 - No mês de maio, Salvador estava inundada sem telégrafo, energia elétrica ou telefone. Por medida de segurança, os planos incluídos do Pilar e do Tabuleiro e Elevador Lacerda foram interrompidos. O Corpo de Bombeiros foi chamado para socorrer vítimas de um acidente no Berrão,

fração, enquanto a equipe tentava resgatar o corpo de uma mulher, houve novo deslizamento de terra e oito bombeiros morreram soterrados. Foram 11 mortos no total. Naquela época, homens nadavam contra a correnteza nas ruas e as mulheres subiam nos telhados para proteger os filhos da força das águas.

1964 - Deslizamento de terra destruiu 30 casas no subúrbio ferroviano.

1966 - Desabamento sobre o Túnel Américo Simas, que estava em construção. Mais de 500 casas foram

atingidas e 10 pessoas morreram.

1969 - Cortina de concreto armado desaba e mata 15 operários.

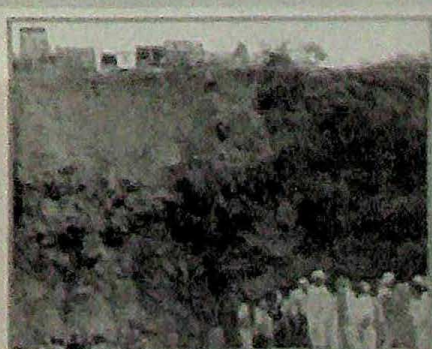
1978 - Um acidente em encosta deixa 21 mortos e 150 desabrigados e derruba a criação da Defesa Civil.

1984 - A partir da década de 80, os acidentes não cessaram apenas na falha

geológica, mas na periferia da cidade. Nesse ano, 17 pessoas morreram em deslizamentos na periferia.

1985 - Novos deslizamentos e 35 mortos.

1989 - 14 mortos no bairro de Pirajá e nove mortos no desabamento no



Model Montão, na Avenida Sebastião. Quas centenas de crianças desabaram na encosta de falha da Boa Vista do Lodoim, deixando 67 mortos e 2,2 mil famílias desabrigadas.

1992 - No Alto do Bom Visor, 11 mortos em deslizamentos.

1995 - 37 mortos

em São Gonçalo do Arco e 21 mortos em Capotaíó.

1997 - Cinco mortos em Vila Nova do Pilãoçu do Lodoim.

1998 - 86 mortos no Morro do Garatão, na Barra.

1999 - Sete pessoas soterradas no desabamento da Avenida Modernista, no Lobato.



ENTORNO: TRAGÉDIA QUE SE REPETE